

CONTRACEPTIVOS E GRAVIDEZ PRECOCE

Incompreensão que preocupa rapariga

n EVELINA MUCHANGA

CELEBROU-SE ontem, 8 de Março, o Dia Internacional da Mulher. A propósito da efeméride, o "Notícias" abordou jovens mulheres para falarem sobre alguns assuntos que as inquietam na actualidade. As gravidezes precoces e o receio do uso de contraceptivos encabeçam a lista das preocupações.



Raparigas falam dos seus problemas pelo Dia Internacional da Mulher

Entendem que o problema tem a ver com o facto de não estarem a ser compreendidas na sociedade, quando optam em namorar e buscar ajuda para evitar uma gravidez indesejada.

Explicam que, por exemplo, quando algumas pessoas da comunidade ou mesmo os pais ficam a saber que a filha (não casada) adoptou algum tipo de contraceptivo moderno, ela é discriminada e conotada com uma mulher de má vida, que quer se envolver com vários parceiros sexuais.

"Há muita discriminação. Só de as pessoas saberem que estás a usar contraceptivos, olham-te mal. Consideram que podes influenciar negativamente as filhas. Pior quando emagreces ou engordas, associam esta mudança ao uso de contraceptivos

para não engravidar", queixou-se uma adolescente de 17 anos, que pediu anonimato.

Para as entrevistadas, é esta forma de pensar de alguns membros da sociedade que contribui para que muitas jovens e adolescentes tenham receio de fazer o uso de contraceptivos. Outras fazem à revelia dos pais, por temer represálias.

Como resultado, avançam, as raparigas guiam-se por aquilo que ouvem das experiências de amigas ou colegas de turma. Engravidam sem estar preparadas para cuidar da criança, muito menos ter que passar a viver na casa do namorado, para onde muitas são levadas pelos respectivos familiares, quando acontecem este tipo de casos.

"Quase todos os anos assistimos a situações de colegas que engravidaram e abandonaram a

escola. Acredito que não é por falta de informação que isto acontece, sobretudo aqui na cidade de Maputo. Alguns pais se limitam a dizer que namorar não é bom, mas não explicam, em caso de namoro, como a filha ou o filho deve proceder para evitar doenças ou o nascimento de filhos não planificados", referiu E. Macuácuá, 18 anos.

Estatísticas oficiais indicam que o uso de contraceptivos modernos, entre as mulheres em idade reprodutiva (15-49 anos), não supera 30 por cento em Moçambique. A situação é mais crítica entre as jovens.

Moçambique figura na lista dos países com altos índices de casamentos prematuros no mundo, onde uma em cada três meninas se casa antes dos 18 anos, sobretudo nas zonas rurais.

Experiências negativas

MARIA António e Joana Ribeiro são duas adolescentes de 16 e 17 anos de idade, respectivamente, que apontam a gravidez precoce como sendo uma das grandes preocupações desta camada social.

Ambas estão na 11ª classe e já namoram, mas ainda não se decidiram se querem ou não fazer o uso de contraceptivos. O receio reside na falta de uma explicação clara sobre os prós e contra dos métodos.

"Fala-se muita coisa sobre os contraceptivos. Alguns dizem que são bons, outros dizem que não, porque provocam hemorragias, corrimento recorrente, perda ou ganho de peso repentino. Fala-se mais dos aspectos e experiências negativas", opinou Maria.

As jovens, cujos nomes são da nossa autoria, uma vez que pediram anonimato, lamentam, por um lado, o facto de os activistas que se fazem à sua escola (Secundária da Lhanguene) não serem muito

elucidativos na explicação sobre os contraceptivos e, por outro, o desinteresse demonstrado por algumas das suas colegas sobre os métodos de planeamento familiar.

"As coisas não são bem percebidas. Pensa-se que é só colocar o implante, por exemplo, e prontos. Em casa, os pais não falam muito sobre o assunto e limitamo-nos a ouvir a experiência que cada uma de nós tem e daí tiramos as nossas conclusões que nos podem levar a caminho certo ou errado", referiu Joana Ribeiro.

O apelo destas meninas é de se promover debates nas escolas, em fóruns pequenos, onde os jovens e adolescentes possam se esclarecer melhor sobre os contraceptivos. Apelam ainda aos pais a serem mais abertos e interactivos com os filhos, quando o assunto é sobre a sexualidade.

O desafio do uso do preservativo

USAR o preservativo como meio de protecção da gravidez e de doenças de transmissão sexual constitui ainda um desafio entre

jovens e adolescentes.

Embora todos reconheçam que garante a dupla protecção e acessível para os jovens, assumem que

não usam de forma frequente, expondo-se a vários problemas.

Geraldo Mauane, 20 anos, é um dos nossos entrevistados, que

admite que no início da fase de namoro não tinha noção dos perigos que corria ao envolver-se sexualmente sem protecção. "Só estava preocupado em experimentar. Quando a menina dizia que o preservativo aleijava, a solução

gravidez. Então, não acho que seja uma coisa boa para jovens e adolescentes", opinou Glória Eugénio.

O desafio do uso do preservativo

USAR o preservativo como meio de protecção da gravidez e de doenças de transmissão sexual constitui ainda um desafio entre

jovens e adolescentes.

Embora todos reconheçam que garante a dupla protecção e acessível para os jovens, assumem que

não usam de forma frequente, expondo-se a vários problemas.

Geraldo Mauane, 20 anos, é um dos nossos entrevistados, que

admite que no início da fase de namoro não tinha noção dos perigos que corria ao envolver-se sexualmente sem protecção. "Só estava preocupado em experimentar. Quando a menina dizia que o preservativo aleijava, a solução era tirar. Felizmente, aprendi que estava a colocar a minha vida em risco. Podia ter-lhe engravidado ou contraído doenças", conta.

Glória Eugénio, 18 anos, também é contra o preservativo. Revelou que aprendeu que os outros contraceptivos são para mulheres que já têm filhos, porque tem efeitos colaterais que podem levar a infertilidade, nascimento de filhos com problemas de saúde, entre outros.

"Como é que hei-de usar outros contraceptivos como pílula, implante, dispositivo intra-uterino ou injeção, se não sei se faço filhos ou não. Aprendi da minha mãe que usando os contraceptivos a menina vai se desleixar e se envolver com qualquer homem, por pensar que está protegida da

gravidez. É uma coisa lescentes".



Muitas meninas queixam-se de incompreensão na sociedade

Famílias com visões diferentes

NA conversa, a Reportagem do Notícias percebeu que muitas das raparigas entrevistadas já ouviram falar de planeamento familiar. Contudo, dizem que, em muitas situações, não encontram apoio da família que desencoraja o uso dos contraceptivos entre as jovens.

"Depende de cada família. Há pais que conversam com os filhos e aconselham a buscar ajuda de profissionais de saúde para a escolha de algum método contraceptivo. Outras não aceitam ou nem querem saber, desaconselham as raparigas a aderir", disse E. Macuácuá, 18 anos e estudante da 12ª classe.

No seu caso, a jovem conta que tem con-

versado com a mãe sobre a sexualidade. É nesses momentos que falam da existência de contraceptivos, as vantagens na prevenção da gravidez e suas desvantagens.

"Em nenhum momento a minha mãe disse, claramente, que eu devia ou não aderir aos contraceptivos. Quando comecei a namorar, por iniciativa própria, procurei ajuda de profissionais da saúde para fazer a escolha de um método compatível com o meu organismo. Com isso, não quer dizer que deixei o preservativo, uso mas todo o cuidado é pouco, em caso de o dispositivo romper, ficarei grávida", disse a jovem.

Para E. Macuácuá, os contraceptivos são

uma oportunidade para as jovens poderem exercer os seus direitos sexuais e reprodutivos sem colocar em causa as suas vidas.

A mesma percepção tem a C. Fernando, 18 anos, que também é aluna da 12ª classe. Embora não tenha experimentado algum método contraceptivo, C. Fernando acredita que os contraceptivos ajudam a planificar melhor o nascimento dos filhos.

"Ainda não experimentei, porque não namoro, mas tenho familiares que estão a usar os contraceptivos. Algumas deixaram de fazer o uso, porque já se sentem preparadas para ter filhos. Outras querem mudar de método", disse a jovem.

FNUAP elogia esforços de Moçambique

O FUNDO das Nações Unidas para a População (UNFPA) considera Moçambique um modelo para outros países, no que diz respeito à promoção dos serviços de saúde sexual e reprodutiva, apesar de desafios ainda por vencer.

A informação foi avançada terça-feira, em Maputo, pela directora-adjunta do FNUAP, Laura Londén, durante a sua visita à Associação Coalizão da Juventude Moçambicana, uma organização que implementa o Programa Geração Biz (PGB).

Segundo Laura Londén, em Moçambique, o FNUAP trabalha

para fortalecer organizações locais e o Governo na projecção, planeamento e fornecimento de informações e serviços de saúde sexual, e direitos reprodutivos de qualidade para a juventude. "Enquanto os jovens, especialmente as meninas, não podem decidir quando e com quem se casarão ou terão relações sexuais, a sua autonomia sempre será limitada. E isso significa que elas não poderão permanecer na escola, ser empregadas de forma remunerada e contribuir plenamente para o desenvolvimento de Moçambique", disse.

De acordo com a fonte, o FNUAP

continuará a investir em advocacia e diálogo político, desenvolvimento de capacidades, gestão do conhecimento, parceria e coordenação, intervenções a nível comunitário e prestação de serviços.

A fonte acrescentou ainda que, com o Programa Geração Biz (PGB), regista-se a redução de casos de casamentos prematuros em Moçambique e aumentou a consciência das mulheres e raparigas sobre os seus direitos sexuais.

O PGB foi a base para o surgimento de outras iniciativas como o Programa MoBIZ, em 2013, Rapariga Biz e o SMS BIZ, em 2016.

Todas estas iniciativas têm o mesmo objectivo e público-alvo do PGB, que é prover informação, educação e serviços de qualidade sobre saúde sexual e reprodutiva para adolescentes e jovens.

Em 2015, começou a ser implementada a Plataforma SMS BIZ, que é um serviço de aconselhamento gratuito via SMS, troca de experiências e informação sobre Saúde Sexual e Reprodutiva, prevenção do HIV e SIDA, gravidez na adolescência, casamentos prematuros, violência baseada no género e outras formas de violências contra as raparigas e mulheres.